

# O IMPACTO DA FINITUDE DE VIDA NO CONTEXTO ACADÊMICO: COM A PALAVRA OS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM<sup>1</sup>

Tainá Monique Schneider<sup>2</sup>, Kelly Cristina Meller Sangoi<sup>3</sup>, Lilian Zielke Hesler<sup>4</sup>,  
Fernando Silva da Silva<sup>5</sup>

<sup>1</sup> O IMPACTO DA FINITUDE DE VIDA NO CONTEXTO ACADÊMICO: COM A PALAVRA OS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI Santo Ângelo. E-mail: taimschneider@hotmail.com Santo Ângelo, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós Graduação em Medicina e Ciências da Saúde PUC/RS. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Santo Ângelo. E-mail: kellysangoi@san.uri.br, Santo Ângelo, RS, Brasil.

<sup>4</sup> 4- Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem UFRGS. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Santo Ângelo. E-mail: lilianhesler@san.uri.br, Santo Ângelo, RS, Brasil.

<sup>5</sup> 2- Aluno do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI Santo Ângelo. E-mail: fernandoos\_3@hotmail.com Santo Ângelo, RS, Brasil.

## Resumo

**Introdução:** O homem ocidental evita o assunto morte, pois deixa-o frente a fragilidade da vida, culminando para o distanciamento do assunto e o enraizamento da morte como um tabu cultural. **Objetivo:** Descrever as concepções de acadêmicos de enfermagem sobre a finitude da vida durante as vivências das aulas remotas. **Metodologia:** Relato de experiência vivenciado por acadêmicos de enfermagem do oitavo semestre durante a disciplina de Cuidado a Pacientes de Risco. **Resultados:** observa-se que há pouco entendimento sobre o processo de fim de vida, devido a superficialidade durante a abordagem na graduação, pois esta gera angústia, ansiedade e insegurança ao longo das discussões. **Conclusão:** Percebe-se a necessidade de refletir sobre a temática, e inseri-la na grade curricular de cursos da saúde, uma vez que o término da vida é inegável e irreversível.

**Palavras-chave:** Morte; Estudantes de enfermagem; Conhecimento.

## Introdução

Através da caminhada pelo tempo, seres humanos, juntamente com a ciências, arte e a filosofia puderam se desenvolver, rever e até mesmo recriar novas perspectivas, conceitos e reflexões sobre a vida e a morte. A respeito da morte, seu processo de desenvolvimento

e entendimento se intensificou a partir da segunda metade do século XX. Ainda se torna valioso recordar que nos primórdios do conhecimento sobre a morte, a mesma era definida pela ausência da respiração. Posteriormente surgem novos critérios e ferramentas para diagnosticar o óbito. Com o surgimento do estetoscópio a presença e a ausência de batimentos cardíacos tornou-se determinante. Com a constância de avanços intelectuais, desenvolvimento de novas tecnologias e intervenções frente a aproximação da morte, o retorno à vida após um curto período de confinamento fez-se possível. Desenvolveram-se técnicas de Reanimação Cardiopulmonar (RCP), Ventilação Mecânica (VM) e transplante de órgãos. Com todos esses avanços e intervenções, o óbito tornou-se a perda das funções cerebrais totais ou do tronco cerebral (GONÇALVES,2007).

O aumento na disponibilidade e acessibilidade de recursos tecnológicos na área da medicina, vem permitindo o diagnóstico prévio, bem como ao tratamento acurado das mais diversas patologias que vem acometendo a população. Atualmente, é possível prorrogar artificialmente a existência de um enfermo, segundo Dadalto (2018), embora a área multidisciplinar de saúde não possa oferecer nenhuma perspectiva curativa ou de vida confortável a esse sujeito em processo patológico. Algumas doenças podem ser tratadas durante muitos anos, levando a um adiamento da vida, tendo em vista que isso gera e acompanha um sofrimento psicológico, emocional e físico tanto para o paciente quanto para a sua família.

Chegar ao fim da vida é inevitável e natural, uma vez que o ser humano é portador de um corpo físico orgânico, o qual é finito. O existencialismo da vida compartilha com a morte o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade e a velhice. Esses processos acontecem de modo interligado e ininterrupto, com todos os seres humanos e animais. É significativo lembrar ainda que o homem portador de consciência é o único entre todos os demais seres vivos existentes, capaz de saber que um dia irá chegar a finitude completa de seu desenvolvimento vital (BELATTO, CARVALHO; 2005).

Mesmo com esta consciência sobre o término da vida sendo possível, percebe-se empenho incansável da medicina e demais áreas assistenciais da saúde, para adiá-la. Além disso existe grande influência sociocultural a respeito da temática, onde por vezes é transmitido de geração a geração que o processo de morte envolve um desenrolar feio, acompanhado de sujeira e de sofrimento (MUNIZ, 2006). Fato incontestável que a imagem de um cadáver em decomposição cause horror, medo e repulsa, sob essa perspectiva surgem os atos e práticas fúnebres, ritualizando, buscando abrandar e suavizar esse momento, possibilitando uma última despedida do círculo social dos vivos com o moribundo (BELLATO; CARVALHO, 2005).

É relevante dizer que o homem ocidental evita o assunto morte, uma vez que esta trama traz sentimentos de dor, sofrimento, angústia e sensação de fragilidade frente a vida. A mesma é vista de modo incompreensível, inaceitável, pavorosa, medonha, e esta concepção, expressão de sentimentos culmina para o enraizamento de um tabu cultural (ALVES, 2013).

O contexto de trabalho da enfermagem pela ótica de Freitas et.al (2016), possibilita a atuação destes profissionais em diferentes ciclos da vida, e até mesmo acompanhando o desenrolar e enfrentar do outro diante de situações únicas e complicadas, inclusive do enfrentamento à morte. Este, ainda presencia o desenvolver de diferentes sentimentos e sensações em si, bem como do outro. As mesmas são específicas, singulares e individuais frente ao desfecho que se aproxima

A morte não deve ser percebida como um problema, tão pouco com algo desprezível, deve ser entendida de modo natural, como consequência e complemento da vida. Frente a isso faz-se necessário refletir sobre o processo morte e morrer, entender definições, perceber influências e reconstruir de forma digna o fim da existência. Sendo assim, o estudo justifica-se pelo fato de contribuir com informações que proporcionem conhecimento e novas perspectivas e reflexões a respeito do processo morte e morrer, possibilitando ao acadêmico de enfermagem entender o processo e auxiliar na renovação de uma nova concepção sobre o tema, possibilitando transmutar o atual paradigma criado sobre o término da vida.

Tendo em vista a importância da temática, o estudo tem por objetivo descrever as concepções de acadêmicos de enfermagem sobre a finitude da vida durante as vivências das aulas remotas.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência. Descritivo, pois, analisa as características ou particularidades de determinados temas ou acontecimentos (GIL, 2002). Por tratar-se de uma vivência, entende-se como uma possibilidade em retratar um determinado fato, ou seja, uma análise de algo que foi vivido (MINAYO, 2001). Tal experiência foi vivenciada por 22 acadêmicos e uma docente supervisora durante as atividades propostas na disciplina de Assistência de Enfermagem no Cuidado a Pacientes de Risco, do curso de Graduação em Enfermagem, de uma universidade do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. As atividades foram desenvolvidas através de palestras, discussões de artigos e participação de profissionais da área da saúde em lives organizadas pela disciplina. Estas atividades desenvolveram-se no período de agosto a

novembro de 2020.

Tais encontros e atividades foram modificadas devido a pandemia, sendo realizados de maneira remota e síncrona através de um serviço de comunicação por vídeo, Google Meet. Esse recurso permitiu continuar as atividades previamente propostas, porém com algumas alterações, separados pela web cam em nossas casas.

## **Resultados e Discussões**

Ao longo do período de aulas, foi despertado nos estudantes de enfermagem do oitavo semestre do curso de graduação em enfermagem o sentimento de curiosidade e reflexão sobre a morte e o morrer. Através disso, esses sentimentos possibilitaram a inquietação e busca de novos saberes acerca da temática, buscando o caminho para o entendimento deste tema pouco discutido. Silva et. al. (2015), nos apresenta que desde o surgimento da enfermagem, a busca incansável pela promoção do conforto tornou-se uma meta, é válido recordar que este deve ser uma experiência multidimensional e interativa entre o doente e a equipe, maximizando uma experimentação positiva sob a perspectiva de fim de vida.

Através de relatos de profissionais experientes e atuantes, tornou-se possível deslumbrar as inúmeras situações e vivências que um trabalhador da enfermagem participa. Além disso, abriu-se uma enorme inquietação frente ao autoconhecimento relacionado ao processo de morte. Através de discussões on-line por plataforma virtual o debate surgiu demonstrando as diferentes percepções e entendimentos a respeito do término da vida.

Pelo fato de carregar um tabu social significativo, observa-se que há pouco entendimento sobre o processo de fim da vida, isso tornou-se visível através de discussões, relatos e trocas de experiências entre acadêmicos e profissionais convidados para compartilhar seus saberes na disciplina. Gonçalves (2007), acredita que é de grande valor compreender que o termo morte, é habitualmente usado para definir o término de algo, podendo ser qualquer coisa, ou até mesmo época. No entanto, este termo pode ter diversas interpretações baseado nas diferentes perspectivas religiosas, filosóficas e biológicas.

Diante disso, questões relacionadas ao processo de morrer e a própria morte, deveriam ser mais abordados com acadêmicos de enfermagem e demais áreas da saúde, o que infelizmente ainda é muito rotulado. Enquanto não é realizado de maneira eficaz, acaba deixando-se uma lacuna na formação desses profissionais, e contribuindo indiretamente numa maior rotulação e restrição dessa temática, ainda que, essas questões farão parte do cotidiano profissional.

Em um estudo realizado por Bandeira, et. al. (2014) sinaliza que a realidade da maioria

das faculdades de enfermagem na nossa sociedade atual aborda superficialmente esta temática. Entende-se a partir disso, que o profissional procure formações sobre a morte ao término da graduação para suprir esta deficiência de aprendizagem. Na maioria dos estudantes dos cursos na área da saúde, percebe-se angústia em falar da temática, pois ela gera insegurança, incerteza e ansiedade, tanto para os docentes, quanto para os estudantes de enfermagem. Frases como: ‘não se deve pensar em morte agora’, ou “vira essa boca para lá” são muitas das respostas recebidas quando tenta-se inserir essa temática em salas de aula ou grupos de amigos. Nota-se desconforto quando se é abordado o tema, pois a palavra “morte” em muitos momentos é velada para evitar sofrimentos, visto que o acadêmico tenha criado uma relação de afeto com seu paciente, com o propósito de cura, e receber uma notícia não agradável gera angústia, sensação de derrota e desânimo.

Recomenda-se que haja uma melhora na habilidade da comunicação das más notícias, tendo em vista que a comunicação é imprescindível na criação de um vínculo saudável entre pacientes, familiares e profissionais da saúde, e que esta, também poderá em algum momento ser realizada por um profissional enfermeiro. Um estudo realizado por Vogel (2020), demonstra ser essencial as duas formas de comunicação, verbal e não verbal. Onde, a comunicação verbal deve-se realizar de três maneiras concomitantemente, de forma nítida, específica e não contendo frases punitivas ou reprimidas, ou seja, devemos adequar os termos ao contexto em que o familiar está inserido, dando-lhe detalhes suficientes para que entenda o processo que está se passando, e o receptor entenda o que está querendo lhe ser dito. Em relação a comunicação não verbal é muito importante a observação de reações, posturas, comportamentos e expressões na passagem da informação. Desta forma pode-se perceber que o fato da transmissão de uma má notícia é complexa e necessita de muita cautela, atenção e sensibilidade (VOGEL, 2020).

Entende-se que o cuidado está focado nas questões de cura, técnicas e tratamento medicamentoso para tratar da doença de base, e esquecendo-se as questões de humanização no atendimento. Felizmente nos últimos anos, essa temática vem ganhando mais notoriedade e destaque pela sua importância e relevância no cuidado. Foram abordados dentro da sala de aula virtual, pontos como a afinidade, aproximação do paciente, familiar e profissionais, proporção de conforto e dignidade no seu cuidado, e inserção do familiar e/ou cuidador nesse âmbito. Essa experiência oportunizou debates e reflexões a partir de textos e artigos que abordaram esta temática.

Goulart e Chiari (2010), mostram que a humanização na assistência demanda de uma observação e revisão das práticas diárias, valorizando assim a integralidade, dignidade e história de vida prévia desse paciente. Nesse sentido, remodelando o molde alienado

apenas na cura da patologia. Sousa et. al, (2019) complementa que, humanizar é disponibilizar recursos humanos, bem como de tecnologias, materiais e infraestrutura necessárias para um bom atendimento, objetivando conforto e bem estar, com participação dinâmica e efetiva dos usuários. Consequentemente, é importante destacar os Cuidados Paliativos que consistem na melhora da qualidade de vida dos pacientes e seus familiares através do alívio de sintomas físicos, espirituais e psicossociais, frente a uma patologia que ameace a continuidade da vida, auxiliando desde a detecção precoce da doença até o luto (BRASIL, 2020).

Os aspectos bioéticos na tomada de decisões do enfermeiro também foram uma temática abordada. Realizaram-se leituras de artigos científicos e após, comentários em sala virtual durante as aulas. Tópicos como, controle de sintomas em pacientes com dor, comunicação eficiente entre a equipe, o que dificulta a tomada da decisão do enfermeiro frente a um paciente enfermo, bem como a continuidade ou interrupção do tratamento no paciente terminal. Expuseram-se também os conceitos de eutanásia, distanásia e ortotanásia.

Entende-se que alguns conceitos são pontuais e necessários. Por exemplo, a eutanásia é conceituada como a morte com o auxílio médico, e nesse caso nem sempre o paciente estará consciente (BATISTA; SCHRAMM, 2004). Por outro lado, a distanásia é definida como obstinação terapêutica, ou seja, tenta-se todas as tecnologias disponíveis na realidade da vivência, equipamentos e medidas farmacológicas em um paciente sem perspectiva de cura, prorrogando o sofrimento e a dor. Já a ortotanásia, caracteriza-se como a morte natural, sem interferência da medicina, permitindo ao paciente uma morte digna e sem sofrimento, podendo simultaneamente usufruir dos cuidados paliativos (SILVA et. al., 2016).

Um estudo realizado por Silva et. al. (2016), contou com a participação de oito enfermeiras atuantes em duas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) de hospitais públicos da região do Vale do São Francisco. Pode-se observar que elas entendiam sobre os conceitos, e que a comunicação e a inter-relação entre as equipes multiprofissionais foram são essenciais nesse processo, do mesmo modo que as práticas deveriam evitar a eutanásia e a distanásia, de forma a fomentar a ortotanásia.

Quando abordamos o processo de morrer, ou dirigimo-nos a um paciente terminal, indiretamente já nos reportamos a alguns sentimentos. Durante a aula foram abordadas cinco etapas do processo de evolução do luto, que são: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, elaborado pela psiquiatra Elizabeth Kübler-Ross. Silva, Pereira e Mussi (2015), expressam que o luto não é exclusivo da família do falecido, ele se faz presente em diferentes elementos participantes do processo de vida, morte e morrer que o

ser percorreu, possibilitando pensar que a equipe de profissionais de enfermagem também passa pelo processo de luto. Uma vez que esses trabalhadores possuem o privilégio de permanecerem em tempo ininterrupto com o internado, oportunizando e favorecendo a criação de vínculos e despertar de sentimentos.

Baseado neste privilégio, ainda os mesmos autores reconhecem que a equipe de enfermagem deve ofertar cuidados para uma boa morte alicerçados em princípios de solidariedade, respeito, veracidade, além de garantir à autonomia e independência da pessoa neste processo. Torna-se valoroso recordar que além de técnicas assistenciais ofertadas diretamente ao doente, suportes sociais e emocionais devem ser ofertados, tanto aos seus familiares quanto para a equipe que participa deste transcurso (SILVA; PEREIRA; MUSSI, 2015).

Limitou-se este estudo pelo fato que a experiência foi somente com estudantes de enfermagem e que expressaram seus sentimentos e medos em aulas online, e também pelo fato de não participarem de nenhuma prática hospitalar, considerando que as aulas foram síncronas, uma vez que, o processo de morte e morrer é experienciado e vivenciado por toda a equipe multiprofissional.

### **Considerações finais**

Permitiu-se compreender o final da vida como um processo gradual, natural, irreversível, onde há diferentes sentimentos e entendimentos, baseado na história de vida do sujeito. Conclui-se então que os trabalhadores, bem como acadêmicos da área da saúde são essenciais na transmissão de informações e conceitos sobre esse processo que infelizmente é muito estereotipado, uma vez que, esses profissionais passam seu tempo de modo integral ao lado do doente.

Os estudos analisados apresentaram as barreiras e a importância na abordagem da temática com maior frequência no meio acadêmico e eventualmente inserida na grade curricular de cursos de enfermagem e demais cursos voltados ao desenvolvimento e entendimento humano, uma vez que o término da vida é inegável e irreversível.

Pode-se aprender que é necessário debater, trabalhar e vivenciar essa temática, buscando constantemente, além de suavizar sentimentos intensos frente a morte, tendo o conhecimento e respaldo para transmitir de modo seguro e livre de tabus, receios e censura a notícia do falecimento e melhores cuidados para a sociedade que ainda percebem esse evento com horror e pouco fundamento.

Torna-se importante ressaltar ainda, que todo o processo reflexivo e de estudo ocorreu

em sala de aula virtual, e que a vivência frente o falecimento e processo de morrer ainda está no imaginário de cada estudante. E que futuramente em campo de estágio prático e supervisionado será possível vivenciar e unir o conhecimento junto a temática, desmistificando crenças e experiências individuais.

## Referências

ALVES, A. C. D. **Crenças Ocidentais e Orientais, Sentido de Vida e Visões de Morte: um estudo correlacional**. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4230/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BANDEIRA, D. **A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem**. Texto & Contexto - Enfermagem. Florianópolis, v. 23 n. 2, jun. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072014000200400 & script=sci\\_arttext & tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072014000200400 & script=sci_arttext & tlng=pt). Acesso em: 19 nov. 2020.

BATISTA, R. S, F. R. **Eutanásia: pelas veredas da morte e da autonomia**. Ciência & Saúde Coletiva. V.9, n. 1, p. 31-41, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19821.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. **O Jogo existencial e a ritualização da morte**. Revista Latino Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, Jan/ fev. 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000100016&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000100016&script=sci_arttext). Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Ministério da Saúde normatiza cuidados paliativos no SUS**. Brasília DF. Nov., 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44723-ministerio-normatiza-cuidados-paliativos-no-sus>> Acesso em: 21 nov. 2020.

DADALTO, L.; AFFONSECA, C. A. **Considerações médicas, éticas e jurídicas sobre decisões de fim de vida em pacientes pediátricos**. Revista bioética. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bioet/v26n1/1983-8042-bioet-26-01-0012.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FREITAS T. L. L., *et al.* **La visión de la Enfermería ante el Proceso de Muerte y Morir de pacientes críticos: una revisión integradora**. Revista eletrônica trimestral de Enfermería. N. 41, jan. 2016. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/>



[214601/188581](#). Acesso em: 08 mar. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, F. **Conceitos e Critérios de Morte**. Revista do hospital de crianças Maria pia, v. 16, n. 4, p. 245-248, 2007. Disponível em: [http://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/1123/1/ConceitosCritériosMorte\\_16-4\\_Web.pdf](http://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/1123/1/ConceitosCritériosMorte_16-4_Web.pdf). Acesso em: 14 nov. 2020.

GOULART, B. N. G.; CHIARI, B. M. **Humanização das práticas do profissional de saúde - contribuições para reflexão**. Ciência & Saúde Coletiva. v. 15 n. 1, p. 255-268, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2010.v15n1/255-268/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Teoria, Método e Criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNIZ, P. H. **O ESTUDO DA MORTE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS SIMBÓLICAS E ESPACIAIS**. Revista Varia Scientia. v. 6, n. 12, p. 159-169, dez./2006. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/variascientia/article/viewFile/1520/1239>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SILVA, R. S.; PEREIRA, A.; MUSSI, F. C. **Conforto para uma boa morte: perspectiva de uma equipe de enfermagem intensivista**. Escola Anna Nery de Enfermagem. v. 19, n. 1, Jan-Mar 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v19n1/1414-8145-ean-19-01-0040.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SILVA, R. S.. **Percepção de enfermeiras intensivistas de hospital regional sobre distanásia, eutanásia e ortotanásia**. Revista bioética. V. 24, n. 03, p. 579-589, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bioet/v24n3/1983-8042-bioet-24-03-0579.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SOUSA, K. H. J. F. *et al.* **Humanização nos serviços de urgência e emergência: contribuições para o cuidado de enfermagem**. Revista Gaúcha de Enfermagem. v. 40, Porto Alegre, jun. 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472019000100503&lang=pt#B18](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472019000100503&lang=pt#B18). Acesso em: 21 nov. 2020.

VOGEL, K. P.. **Comunicação de Más Notícias: Ferramenta Essencial na Graduação Médica**. Revista Brasileira de Educação Médica. Brasília, v. 43, n. 1, jan. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022019000500314&lang=pt#B14](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000500314&lang=pt#B14). Acesso em:

19 nov. 2020.